

OS ANIMAIS NA REVISTA A SAÚDE DO MUNDO: ENTRE A DOENÇA E A CURA

Natascha Stefania Carvalho De Ostos
Pós-doutoranda da Fiocruz Minas
nataschaostos@hotmail.com

A década de 1960 consolidou avanços tecnológicos que revolucionaram os meios de comunicação no mundo. A televisão já se fazia presente nas casas de muitas pessoas, com a popularização dos aparelhos a cores, no fim desse período. Era preciso concorrer pela atenção das pessoas que, com facilidade, podiam acessar informações via rádio, televisão e jornais impressos. A partir de então, a comunicação deveria ser atrativa, disputar o público, não bastando disponibilizar conteúdos de modo cumulativo e protocolar. Se, por um lado, esse fenômeno tendia a padronizar as mensagens, massificando comportamentos sociais, por outro lado tinha o potencial de democratizar as informações, tornando acessível ao grande público bens culturais e dados antes restritos à elite (LIMA, 1978).

No que se refere à temática da saúde, esse cenário se apresentava desafiante, e promissor, para instituições como a Organização Mundial da Saúde (OMS). Era preciso disputar espaço com outras fontes de informações que também mencionavam o assunto, como a indústria alimentícia e farmacêutica, através de suas propagandas. Porém, a OMS, como parte da Organização das Nações Unidas (ONU),¹ possuía, em tese, credibilidade informativa, já que o seu programa seria direcionado para o bem estar geral. Obviamente, isso não quer dizer que os seus dados eram neutros, pois ao apresentar as notícias de determinada maneira procurava-se direcionar a percepção do público para a forma *correta* de considerar certa questão. Nesse contexto, “informação pública” foi uma expressão utilizada para demarcar uma estratégia comunicativa, que lançaria mão de uma linguagem mais acessível e das mídias populares para aumentar o

¹ A ONU foi criada no contexto do fim da Segunda Guerra Mundial, em outubro de 1945. Na esteira da fundação da organização foram criadas, internamente, organizações especializadas, com atribuições e burocracia própria. A Organização Mundial da Saúde foi uma delas, instalada em 1948, na esteira da compreensão de um novo estatuto para a saúde, não apenas de caráter biológico, mas também social. A sede está localizada na cidade de Genebra, na Suíça. A agência também criou escritórios regionais, em outras partes do mundo (BROWN, CUETO, FEE, 2006).

conhecimento das pessoas sobre as realizações da organização, o seu papel no mundo e para tentar suscitar percepções e comportamentos “adequados” sobre os assuntos debatidos (MEDCALF, 2018, p. 95).

Utilizamos aqui a expressão saúde pública tendo em vista que ela engloba ações e programas destinados à promoção da saúde de grupos populacionais (não se restringindo a iniciativas estatais), com foco nos índices de doenças, mortalidade, e na prevenção. No período estudado, a OMS assume uma perspectiva institucionalizada, de faceta hierárquica, mas que nem por isso deixa de levar em conta as questões sociais. De forma que a década de 1960 afirma-se como uma encruzilhada, onde o conceito biológico da saúde se encontra com reflexões sobre as questões sociais (PAIM, 2006, p. 147). No seu estatuto, a OMS estabeleceu a seguinte definição,

A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade. Gozar do melhor estado de saúde que é possível atingir constitui um dos direitos fundamentais de todo o ser humano, sem distinção de raça, de religião, de credo político, de condição econômica ou social. (OMS, 1946)

Assim, afirma-se cada vez mais uma noção complexa de saúde, ambiciosa, já que em última instância visava o “completo bem-estar” da pessoa. A tendência, portanto, era que com o passar do tempo e a eliminação de quadros agudos de padecimento, tudo que causasse algum tipo de sofrimento humano poderia ser objeto de atenção da área da saúde. A OMS estabeleceu para si o papel de assistente dos países membros da ONU, sem poder de intervenção direta, devendo prestar ajuda em termos de educação, pesquisa, monitoramento de doenças e implantação de métodos mais eficientes de cuidados com a saúde. Esses objetivos se mesclaram, no campo prático, com o acionamento da instituição em casos de epidemias e situações emergenciais, já que, naquele momento, a pesquisa científica disponibilizava recursos capazes de debelar epidemias e outros quadros de forma relativamente rápida, com o uso de antibióticos, inseticidas e vacinas (MEDCALF, 2018, p. 99). Contudo, a percepção era a de que, paralelamente a essas ações, a organização precisava alcançar um público mais amplo, disseminando informações com potencial para fazer de indivíduos e de comunidades os próprios promotores da mudança.

Na sua Constituição a OMS dizia que, “Uma opinião pública esclarecida e uma cooperação ativa da parte do público são de uma importância capital para o melhoramento da saúde dos povos”. E uma das funções da agência era, “Ajudar a formar entre todos os povos uma opinião pública esclarecida sobre assuntos de saúde” (OMS, 1946, art. 2, r). Portanto, a consideração da opinião pública, e capacidade de influenciá-la, constavam como princípios na origem da organização, um meio para que a agência atingisse seus fins, e não algo incidental ou marginal à sua política. Assim, não surpreende que, em setembro de 1948, fosse instalado o Escritório de Informação Pública da OMS, visando divulgar, internamente, as ações da agência, além de cuidar da ligação comunicacional com organismos estatais, a imprensa e associações civis. A agência começou a editar uma *Newsletter*, de feição modesta, batida a máquina e com poucas páginas, mas no ano seguinte, em 1949, o impresso foi reformulado e adquiriu contornos profissionais (MEDCALF, 2018, p. 102). Com o crescimento da demanda por informações, a *Newsletter*, com seu título burocrático e pouco atrativo, foi substituída, em 1957, pela revista *World Health*, editada bimestralmente em inglês, francês, espanhol e português, com o nome de *A Saúde do Mundo*. O título de qualquer impresso é fundamental, pois ele condensa a proposta editorial. No caso estudado, ele sugere que a OMS é uma organização sem fronteiras, que não se circunscreve a um país, abrangendo o mundo todo, para além da perspectiva nacional/nacionalista. Infere-se, também, a existência de uma saúde total, mas que para existir dependeria do bem-estar integrado de cada região.

Parte dos exemplares era distribuído gratuitamente, e os demais vendidos em livrarias e por agentes credenciados; no Brasil o estabelecimento responsável era a Livraria Agir, no Rio de Janeiro. O objetivo da publicação era “estimular e nutrir o interesse do público em geral em assuntos de saúde internacional” (WHO, 1959, p. 40), e para isso enfatizava o “apelo emocional” (WHO, 1959, p. 6), a linguagem simples e a atratividade do veículo, sem perder a acurácia da informação (WHO, 1959, p. 40). No ano de 1959 foram impressos 92.000 cópias, sendo 5.500 em português (WHO, 1959, p. 52). A revista possuía por volta de 45 páginas, e o seu tamanho era grande, ao gosto das revistas daquele período, pois uma das marcas principais da publicação era a grande quantidade de imagens (fotografias, desenhos, mapas), ao estilo do fotojornalismo,

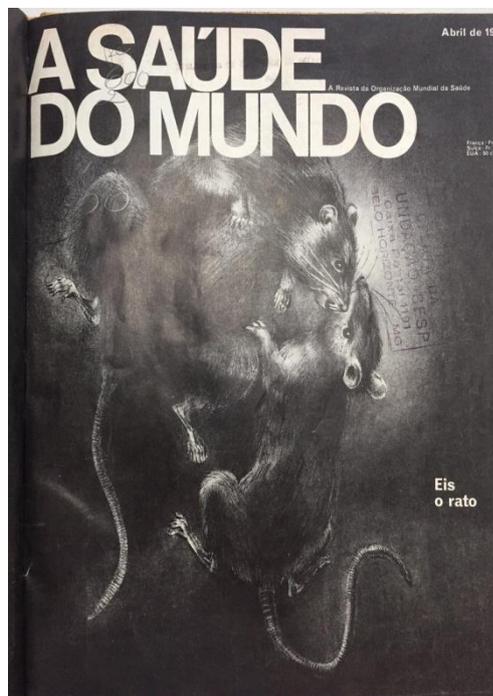
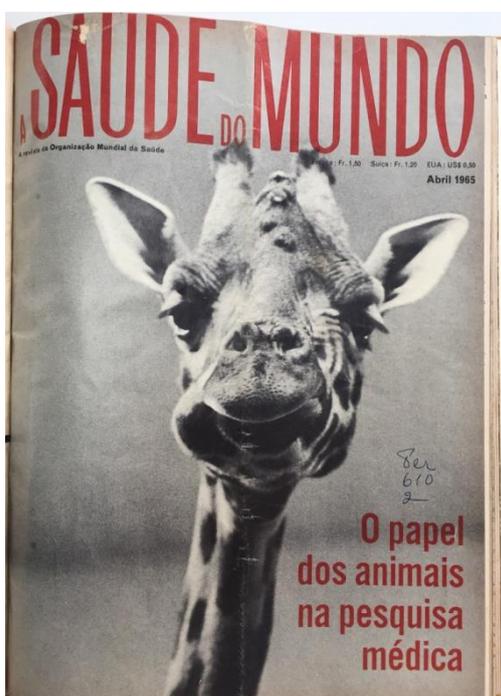
como se as imagens falassem por si. Cientes de que o alcance da revista poderia ficar aquém do desejado, o impresso estampava um aviso autorizando, salvo menção em contrário, a reprodução dos artigos e das ilustrações nela contidos, pedindo apenas que se assinalasse a origem do material. A ideia era que veículos da imprensa usassem o conteúdo para fazer reportagens e matérias, amplificando, assim, o alcance das ações da OMS. A produção das fotografias era feita por encomenda, profissionais eram contratados para retratar certo tema, recebendo informações sobre o tópico, mas com autonomia para compor o material de acordo com as circunstâncias do trabalho de campo (MEDCALF, 2018, p. 105).

Os animais na revista *A Saúde do Mundo*

Os animais sempre estiveram conectados a questões de saúde e doença, atraindo a atenção de pessoas comuns e de especialistas. Mas, apesar desse fato, eles ainda são pouco estudados como objeto da história da saúde, e mesmo do campo historiográfico em geral. No Brasil, somente na última década começaram a surgir trabalhos sobre a chamada história dos animais (APROBATO, 2007; DUARTE, 2017; OSTOS, 2017, 2019), enquanto que na Europa e nos EUA esse campo já está razoavelmente estabelecido. Este texto tem caráter prospectivo, no sentido de conectar as áreas da história dos animais, da saúde e da ciência de forma mais explícita, de modo a evidenciar a centralidade dos animais para a prática e as reflexões sobre a saúde, não apenas dos humanos, mas do ambiente, e das ciências biológicas. Assim, a perspectiva aqui não circunscreve os animais à história da veterinária, visando ampliar o escopo da temática.

Cientistas da área médica empregam animais para desenvolver novos conhecimentos sobre corpos, mentes e doenças; para gerar produtos biológicos, e para testar a segurança e a eficácia de drogas. Animais fornecem nutrição para humanos e transmitem doenças para eles. O estado da saúde animal influencia poderosamente – e é influenciada – pelos seus habitats. Animais são tratados como pacientes, tomados como espécies patológicas, e suas doenças comparadas entre espécies. (WOODS *et al*, 2018, p. 11, tradução da autora).

No caso estudado, analisamos as reportagens da revista *A Saúde do Mundo* dedicadas aos animais ao longo da década de 1960. A publicação, pela sua intenção de alcançar um público variado, pelo fato de ser editada pela OMS, pode oferecer um panorama de como os bichos eram pensados naquele período em termos de saúde pública, em interface com a ciência e com o ambiente. O recorte leva em conta que a revista foi fundada em 1957, portanto a década de 1960 se afigura como a afirmação do impresso no campo editorial, além de constituir um período onde a questão ambiental adquire contornos de causa, entrando na agenda dos países. Ressaltamos, também, que essa época marcou o campo da saúde pública, com a ampliação das campanhas de vacinação, avanço no uso de antibióticos, e o gerenciamento massivo de questões de saúde (BROWN, CUETO, FEE, 2006, p. 630-631). Portanto, podemos considerar a presença da temática animal na revista *A Saúde do Mundo*, ao longo desse período, como a abertura do debate para um público amplo, como questão de saúde pública que gera preocupação suficiente para integrar a pauta de um impresso que ambicionava alcançar pessoas no mundo todo. Durante a década de 1960 a publicação dedicou três edições com temática central, e praticamente exclusiva, sobre os animais.





Capas da revista *A Saúde do Mundo*, edições com temática sobre os animais. Da esquerda para a direita: Edição de abril de 1965; Edição de abril de 1967; Edição de maio de 1968.

Os três números trazem imagens de bichos na capa, evidenciando para o leitor o conteúdo da publicação. Isso não quer dizer que os animais estivessem ausentes em outros números, mas sua presença era marginal, por isso nosso interesse recai, predominantemente, sobre essas três edições. Na primeira delas, de abril de 1965, vemos a fotografia de uma girafa, e a chamada para a temática do número era, “O papel dos animais na pesquisa médica”. Interessante que a espécie retratada não é a mais recorrente nas pesquisas, mas colocar uma girafa da capa poderia servir para atrair o leitor, mais do que a imagem corriqueira de um coelho, ou de um rato. O bicho em questão é enquadrado de frente, realçando a cabeça, e não o corpo inteiro, quase como um retrato, pois o animal olha diretamente para a lente e, portanto, para o leitor, com uma expressão que gera, ao mesmo tempo, estranhamento (pelas evidentes diferenças anatômicas) e conexão, pelo olhar. Na edição são sumariados 20 animais: leão, galinha, elefante, “bush baby” (galago), serpente, chimpanzé, macaco reso, ovelha, cão, esquilo do deserto, coelho, rinoceronte, papagaio, girafa, camundongo, rato, vaca, canguru, panda, crocodilo. Cada um tem sua fotografia estampada em página inteira, destacando a figura fora de qualquer contexto com o ambiente natural. Assim, apesar da feição individual das imagens, a singularidade do bicho não importa, ele nada mais é do que o representante da sua espécie. O texto que acompanha a fotografia, ora traz informações

sobre como a espécie tem potencial científico, ora como é ele importante nas pesquisas de laboratório, na descoberta de doenças e das suas causas, e como, ao longo da história, a observação de seus hábitos, e sua interação com os humanos, levou a importantes insights científicos.

Já a edição de maio de 1968 traz duas araras na capa, interagindo uma com a outra, com a chamada: “...e se falássemos de animais!”. Trata-se de uma clara alusão ao potencial vocal dos psitacídeos, que em alguns casos, principalmente em se tratando dos papagaios, podem ser treinados para imitar palavras. Mas apesar do protagonismo das aves na fotografia, de sua representação procurando mimetizar uma conversa, o protagonismo da fala cabe aos humanos, sendo a temática, os animais. Nesse número podemos perceber uma ênfase maior em questões como, o impacto da ação humana no meio ambiente, os efeitos da urbanização e da derrubada de florestas no habitat dos animais, com consequências para a saúde humana e dos bichos. Ao invés de focar em animais específicos, a edição traz um panorama sobre o assunto, claro está que ressaltando as doenças transmissíveis entre espécies, mas com um olhar mais “holístico”, como evidencia o trecho, “O homem deve ser considerado como membro deste grupo de animais, e não constituir um grupo à parte. Ele deve parar de considerar-se fisiologicamente diferente e aprender a aceitar sua condição como sendo um elo apenas da corrente biológica” (LEADER, 1968, p. 34). Apesar dessa fala, que sugere o reconhecimento de um nível de igualdade entre os animais humanos e não humanos, e da referida edição retratar os animais de modo mais autônomo, como seres com existência própria, em seu habitat natural, interagindo uns com os outros, o enfoque principal é o papel instrumental dos bichos para as condições de saúde das pessoas, principalmente no diz respeito às zoonoses.²

Esse é o tema principal da última edição que estudamos, de abril de 1967. A capa traz o desenho de dois ratos, com o título “Eis o rato”, indicando que a figura dispensa maiores explicações, dada a sua importância na história da saúde humana. O fundo da capa é preto, reforçando a feição lúgubre com que os animais são retratados, em postura que pode ser interpretada como agressiva, de luta. A imagem não evoca

² A OMS define zoonose como: “Doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre animais vertebrados e seres humanos”. In: OMS – Organização Mundial da Saúde. *Zoonoses*. Disponível em: <<http://www.who.int/topics/zoonoses/en/>>.

qualquer sentimento de empatia ou simpatia pelo animal, pelo contrário, suscita repulsa. A edição agrupa os ratos em dois conjuntos de qualificação, os ratos “maus” e os ratos “bons”. Os maus são aqueles que atacam os estoques de alimentos humanos, transmitem uma série de doenças e estão associados ao terror da peste negra. Para estes só resta o extermínio, “É indispensável controlar essa praga”, “desde o princípio da civilização, vem-lhe o rato pilhando a despensa sem lhe dar por essa hospitalidade assaz forçada pouco mais que doença, fome e morte”. Assim, a solução é apenas uma: “A família dos roedores é numerosa e variada, mas todas as espécies são nocivas e perigosas. Cumpre combatê-las todas, sem contemplação”. (*A Saúde do Mundo*, 1967, p. 3-4, p. 14). Não por acaso existe um termo específico para o extermínio de ratos, a *desratização*, e seus venenos, os *raticidas*. Várias doenças são listadas como tendo o rato como causador ou propagador, seja por meio dos insetos que ele carrega (pulgas e carrapatos infectados), seja por contaminação de alimentos por seus excrementos e também por mordidas.

A edição da revista *A Saúde do Mundo* dedicada ao rato, reserva parte do conteúdo, ao rato “bom”, o rato de laboratório,³ que auxilia o ser humano na busca de soluções para problemas de saúde, teste de medicamentos, etc., e sobre os mais variados assuntos, nutricionais, genéticos, e até comportamentais, em relação com a hereditariedade e o meio. Sobre a temática comportamental, diz a publicação que o estudo nos ratos “proporciona ao homem melhor compreensão de si mesmo” (*A Saúde do Mundo*, 1967, p. 18). Trata-se, portanto, de uma construção representativa cheia de contradições. A premissa para a utilização dos ratos como cobaias é o reconhecimento de que eles são muito similares aos seres humanos, em termos fisiológicos e até mesmo em termos comportamentais básicos. Somente essa aproximação justifica a sua utilização nos intentos de melhorar a saúde humana. Mas, tal fato não gera necessariamente empatia e aproximação, pois, para a sua utilização em toda sorte de testes, é preciso ressaltar o aspecto da diferença, que em última instância permite que os animais sejam tratados como objetos à disposição dos seres humanos para toda sorte de

³ “O rato de laboratório, *Rattus norvegicus*, usado atualmente na maioria dos biotérios e infectórios, deriva de colônias desses animais, originárias dos EUA. Embora seja originário de regiões da Ásia Central, acompanhou o homem em seu avanço pelos continentes [...]. Acredita-se que tenha sido a primeira espécie de mamífero domesticada para fins científicos, pois desde o início século XX já era usado em pesquisas nutricionais. A grande difusão desse animal na pesquisa se deu com Henry H. Donaldson. Ao aceitar uma posição no Wistar Institute, na Filadélfia, ele criou uma equipe que se dedicou a padronizar colônias de ratos a partir de quatro casais de albinos [...]” (SANTOS, 2002, p. 119).

manipulação física. A historiadora Erica Fudge coloca a seguinte indagação, “O que pode significar o fato de que nós sabemos que os animais experimentam o mundo de maneiras não opostas às nossas, e ainda assim continuemos fazendo experimentos com eles?” (2002, p. 104).

Como conclusão parcial, de uma pesquisa em andamento, podemos afirmar que a revista *A Saúde do Mundo*, publicação oficial da OMS, apresentava uma postura ambígua sobre os animais. Por uma perspectiva, os bichos são causas de problemas sérios de saúde pública, transmitindo uma série de doenças para os seres humanos. Interessante, portanto, que parte significativa das ações de saúde massivas sejam uma questão de controle dos outros seres vivos, como os insetos transmissores de inúmeras doenças, mamíferos que transmitem condições como a raiva, aves que propagam moléstias, etc. Por outro lado, os animais também são retratados na revista como potenciais fornecedores de respostas a doenças, indicando a cura ou o tratamento de condições. Por isso são objeto de pesquisa para extração de toxinas, partes dos seus corpos são usadas como válvulas cardíacas em humanos, como cobaias em testes de drogas, produtos cosméticos, genética, os ovos servem para produção de vacinas, etc.

Porém, apesar do reconhecimento da centralidade dos animais em todos os aspectos da saúde humana, somente na edição de 1968 a publicação problematiza as zoonoses no contexto da ação predatória do ser humano nos habitats dos animais, degradando áreas florestais, exterminando predadores naturais, diminuindo fontes de alimento e água para os bichos, descuidando do saneamento básico e do lixo, empreendendo grandes obras de infraestrutura que desequilibram ambientes, etc. “O modo pelo qual o homem muda a natureza, altera suas relações com os animais domésticos e selvagens que vivem em torno dele e, isto em troca influencia as infecções que ele permuta com tais animais” (*A Saúde do Mundo*, 1968, p. 11). Porém, a admoestação não questiona o modelo econômico e social que embasa essas condutas, e a única recomendação é a de que em “grandes projetos de desenvolvimento”, epidemiologistas e veterinários fossem consultados.

O presente ensaio integra uma proposta ampla, de trazer os animais para a linha de frente dos estudos sobre a história da saúde, já que é possível considerar que os

bichos ajudaram a constituir, materialmente, o próprio campo da saúde, e da medicina (WOODS, 2018, p. 12).

A medicina moderna, como desenvolvida no ocidente nos últimos dois séculos, foi um empreendimento mais do que humano, cujos limites com a medicina veterinária e a biologia são porosos e em constante fluxo. Em certos contextos históricos, animais contribuíram para a compartimentalização desses domínios. Em outros, eles ajudaram a romper barreiras, particularmente por meio de pesquisas em campos cruzados, como a parasitologia, a zoologia, medicina comparada, nutrição e agricultura. (WOODS, 2018, p. 13, tradução da autora).

No caso da revista *A Saúde do Mundo*, já podemos detectar, na década de 1960, como a face da saúde pública, de acordo com a OMS, não era mais, apenas, a face humana. Os animais emergiram como assunto importante, para além de epidemias específicas e discussão de casos, sendo pensados na sua totalidade, na condição de seres vivos que influenciam, e são influenciados, pela ação humana.

Referências Bibliográficas

APROBATO, Nelson Filho. *O couro e o aço: sob a mira do moderno: a 'aventura' dos animais pelos 'jardins' da Paulicéia, final do século XIX/início do XX*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2007.

BROWN, Theodore M.; CUETO, Marcos; FEE, Elizabeth. A transição de saúde pública 'internacional' para 'global' e a Organização Mundial da Saúde. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, v. 13, n. 3, p. 623-647, sept. 2006.

DUARTE, Regina Horta. Zoos in Latin America. In: BEEZLEY, William (org.). *The Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*, vol. 2. Nova York: Oxford University Press, 2017, 1-21.

FUDGE, Erica. *Animal*. Londres: Reaktion Books, 2002.

LEADER, R. W.. As barreiras caem. *A Saúde do Mundo*, maio 1968, p. 34-35.

LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MEDCALF, Alexander. Between art and information: communicating world health, 1948–70. *Journal of Global History*, n. 13, 2018, pp. 94–120.

OMS. *A Saúde do Mundo*, abril 1967.

OMS. *Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/HOW)*, 1946. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>>. Acesso em: 05 maio 2019.

OSTOS, Natascha Stefania Carvalho de. “Por que devemos ser bons para com os animais?” A formação prática e moral dos brasileiros por meio dos discursos de proteção aos animais (1930-1939). *História Crítica*, n. 71, jan. 2019, p. 49-68.

_____ União Internacional Protetora dos Animais de São Paulo: práticas, discursos e representações de uma entidade nas primeiras décadas do século XX. *Revista Brasileira de Historia*, vol. 37, n.º 75, 2017, p. 297-318.

PAIM, Jairnilson Silva. *Desafios para a saúde coletiva no século XXI*. Salvador: EDUFBA, 2006.

SANTOS, Belmira Ferreira dos. Criação e manejo de ratos. In: ANDRADE, A.; PINTO, S. C.; OLIVEIRA, R. S. (orgs). *Animais de Laboratório: criação e experimentação*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, p. 119-121.

WHO. Organizational study on publications. *Executive Board Provisional agenda*. Item 2.4(a) E325/32, 16 dez. 1959. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/135456/EB25_32_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>; acesso em: 07 maio 2019.

WOODS, A., *et al.* Introduction: Centring Animals Within Medical History. In: WOODS, A., *et al.* *Animals and the Shaping of Modern Medicine*. London: Palgrave Macmillan, 2018, p. 1-26.